

## DA HISTÓRIA PÚBLICA PARA O CONTEXTO ESCOLAR: BREVES REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA MEDIEVAL A PARTIR DO CINEMA E DOS MEMES HISTÓRICOS

### FROM PUBLIC HISTORY TO THE SCHOOL CONTEXT: BRIEF REFLECTIONS ON TEACHING MEDIEVAL HISTORY FROM THE CINEMA AND HISTORICAL MEMES

Luciano José Vianna<sup>1</sup>  
Jefferson David Fonseca Alves<sup>2</sup>

**Resumo:** Atualmente existem diversas demandas educacionais que, de uma forma ou outra, estão envolvidas com o processo de desenvolvimento, econômico, social, político e cultural. Nesse sentido, a presente reflexão aborda discussões acerca da História Pública e da necessidade de se repensar formas e procedimentos recentes sobre o ensino de História Medieval, acompanhando também o cenário de atualização em termos de historiografia sobre o Medievo, abordando brevemente o cinema e os memes históricos. A metodologia utilizada para a escrita deste texto consiste em pesquisa bibliográfica por se tratar de um levantamento de materiais já publicados por autores da área da historiografia e da educação no que tange ao ensino de História. Neste sentido, o ensino de História sempre se apresenta em adversidade, pois nos modelos curriculares essa disciplina ainda é vista como um mero estudo do passado. Esse modelo representativo da História, põe em evidência o esgotamento do modelo educativo adotado, sendo necessárias, portanto, novas formas de abordagem metodológica no cenário escolar.

**Palavras-chave:** Ensino de História Medieval, História Pública, abordagens recentes.

**Abstract:** Nowadays there are some educational demands that, in one way or another, are involved in the economic, social, political, and cultural development process. In this sense, the present reflection approach discussions about the Public History and the necessity of rethink recent forms and proceedings about the teaching Medieval History, following the updated scenario in terms of Medieval historiography, briefly addressing cinema and historical memes. The methodology used to the write this article consist in bibliographical research as it is a survey of materials published by authors in the area of historiography and education with regard to the teaching of History. In this sense, the teaching of History always presents itself in adversity, because in curricular models this discipline is still seen as a mere study of the past. This representative model of History highlights the exhaustion of the adopted educational model, therefore requiring new forms of methodological approach in the school setting.

**Keywords:** Teaching of Medieval History, Public History, recent approaches.

### Introdução

A conjuntura educacional contemporânea enfrenta uma interseção crucial entre diversas demandas que têm redefinido a forma como ensinamos e aprendemos. A globalização, impulsionada pela rápida interconexão entre culturas e territórios, tem desafiado as estruturas educacionais a se adaptarem a uma realidade cada vez mais interdependente. Paralelo a este cenário, o avanço exponencial da tecnologia tem revolucionado não apenas a maneira como acessamos as informações que estão disponíveis, mas também como processamos, aplicamos e

---

<sup>1</sup> Luciano José Vianna: Doutor em História Medieval, Professor Adjunto do Colegiado de História da Universidade de Pernambuco (UPE)/campus Petrolina. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares (PPGFPI) da UPE/campus Petrolina.

<sup>2</sup> Jefferson David Fonseca Alves: Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares (PPGFPI) da UPE/campus Petrolina. Licenciado em História pela UPE/campus Petrolina.

compreendemos os dados informacionais disponíveis, transformando-os em conhecimento. De todas as formas, no que diz respeito ao contexto educacional, é correto afirmar que essas mudanças acarretam a necessidade premente de uma transformação no ensino, exigindo uma abordagem que incorpore não apenas novas ferramentas tecnológicas, mas também metodologias inovadoras que sejam ágeis o suficiente para acompanhar esse ritmo acelerado de mudanças. Neste sentido, de acordo com Silva e Correa:

As escolas têm percebido a importância das tecnologias para a aprendizagem na atualidade. Pensar no processo de ensino e aprendizagem em pleno século XXI sem o uso constante dos diversos instrumentos tecnológicos é deixar de acompanhar a evolução que está na essência da humanidade. Muitas escolas e professores ainda se baseiam em metodologias arcaicas de ensinagem, mesmo existindo ao lado de sua sala de aula um laboratório de informática com computadores de última geração. Eles não se permitem a entender esse processo e muito menos ter contato com ele. Educandos chegam às escolas com celulares de última geração e preferem estar a usar o facebook, ou twitter durante as aulas do que prestar atenção aos conteúdos elencados pela escola como importantes para sua formação. Os educadores preferem entender o ato de educar apenas com quadro-negro e giz e assim perpetuam um modelo já desgastado, com resultados mínimos. Nesse cenário, cabe refletir sobre a importância das novas tecnologias para a aprendizagem. Elas realmente podem contribuir para esse processo ou isso é algo utópico, ilusório? Os educandos só aprendem da forma como se aprendia trinta anos atrás? (SILVA; CORREA, 2014, p. 26-27).

O ensino de História, em meio às demandas sociais atuais, desempenha um papel crucial na formação de uma consciência crítica, contextualizada e também na consciência histórica do ser humano (CERRI, 2011, p. 22). Em um mundo em constante transformação, o estudo da História não apenas oferece um olhar sobre o passado, mas também serve como guia para compreendermos o presente e suas possíveis implicações nos tempos vindouros. Neste sentido, o ensino de História está sempre em adversidade, pois, em algumas situações curriculares e educacionais, essa disciplina ainda é vista como um mero estudo do passado. Essa representação também é refletida para os estudantes que vêm a História como mais uma disciplina obrigatoriamente a ser cumprida, de modo que tal modelo representativo da História coloca em evidência o esgotamento do modelo educativo adotado, como já alertara, há trinta anos, Elza Nadai (1993, p. 143).

Especificando a temática, e adentrando no cenário de nossa atuação e do presente artigo, quando se trata do ensino de História Medieval, a “história do passado” torna-se ainda mais insignificante para os estudantes, pois considera-se que não há uma tangência temporal entre o Medieval e a temporalidade atual dos estudantes. Pesando ainda mais nesse cenário, a

abordagem curricular dos conteúdos temáticos de História Medieval consiste em uma linha teórica da historiografia tradicional do século XIX, que traz em seu bojo marcas eurocêntricas de um sentimento culturalmente distante da realidade dos estudantes.

Refletindo sobre estas questões, este artigo problematiza algumas discussões acerca da necessidade de se refletir sobre alguns aspectos das produções cinematográficas, séries televisivas e dos memes das redes sociais como possibilidades de abordagens recentes no ensino de História Medieval. A partir de um cenário de reflexão sobre as possíveis conexões entre ensino de História e História Pública, e seguindo as reflexões de Caroline Pacievitch, temos como objetivo “observar e estimular a aproximação entre essas duas dimensões da História” (PACIEVITCH, 2020, p. 115). Em outras palavras, refletimos sobre a necessidade de se problematizar campos de reflexão que em tese constituem-se como separados, porém, que devem ser observados de uma forma mais conjunta e de relação entre si, ou seja, o campo do ensino de História Medieval e o campo da História Pública. Portanto, consideramos a História Pública como um campo historiográfico que possibilita uma adaptação em termos metodológicos da historiografia atual para uma linguagem mais acessível ao público não vinculado às produções acadêmicas na área de História e que, por isso, trata-se de um conteúdo que circula entre o grande público, porém, que o público discente escolar também mantém contato.

Como metodologia para a escrita deste artigo, optamos pela abordagem da pesquisa bibliográfica, por se tratar de um levantamento de materiais já publicados por autores voltados para a escrita da História, para o ensino de História e para a História Pública. De acordo com Pradanov e Freitas (2013), o objetivo da pesquisa bibliográfica é colocar o pesquisador em vínculo com o material já escrito sobre o assunto da pesquisa (PRADANOV; FREITAS, 2013, p. 54). Neste sentido, através do diálogo entre os autores que abordaremos, teceremos nossas reflexões. O questionamento inicial que possibilitou o desdobramento da escrita deste artigo consistiu em saber: como a História Pública pode intensificar as formas e abordagens recentes sobre o ensino de História Medieval? Portanto, como uma busca para responder a esse questionamento, o objetivo deste texto consiste em realizar uma breve reflexão sobre algumas possibilidades da História Pública no ensino de História Medieval. Sendo assim, no primeiro tópico deste texto conceituamos a História Pública e a História Medieval e suas possíveis relações. A seguir, discutimos os aspectos curriculares que envolvem o ensino de história. Por fim, refletimos sobre alguns aspectos do cinema e dos memes das redes sociais como possibilidades de abordagens recentes no ensino de História Medieval.

### **A História pública e a História Medieval: os usos do passado pelo presente**

A História surgiu como disciplina a partir do século XIX e, desde então, passou por algumas mudanças significativas no que tange aos seus objetos e perspectivas historiográficas. Em termos ocidentais, durante o século XX, passou por uma revolução historiográfica produzida pela *Escola dos Annales*, um movimento historiográfico francês conhecido por propor novas reflexões temáticas e metodológicas para a escrita da História (BURKE, 1997, p. 11). A partir disso, a escrita da História teve seus horizontes ampliados, possibilitando diversas abordagens e pluralidades de perspectivas. Outras abordagens, propostas e perspectivas foram elaboradas no cenário historiográfico e dentre essas pluralidades está a História Pública.

Entretanto, o que seria essa “História Pública? Para entendê-la melhor, é importante refletirmos sobre essa cientificidade relacionada à História, ou seja, a propriedade acadêmica vinculada aos aspectos historiográficos. Podemos pensar, primeiro, nas universidades como grandes centros de pesquisa e o que elas produzem em termos de estudos. O cenário universitário/acadêmico, de modo geral, é um ambiente relativamente distante da realidade social em termos de popularidade. Se pensarmos na existência de dimensões de mundos distintos, a universidade seria um mundo à parte, em outra realidade, com características e perspectivas distintas dos demais mundos. Este afastamento, é necessário afirmar, não seria o cenário ideal para o contexto universitário, mas sim de estabelecer uma aproximação com a sociedade, de forma cada vez mais próxima.

O campo no qual a produção de conhecimento educacional surge sempre esteve restrito a pequenos grupos da sociedade. Por exemplo, nem todas as pessoas na Grécia antiga eram filósofos, nem todos no Medievo frequentavam as universidades e nem todos entendiam os cálculos e as ideias de Descartes. Portanto, a partir de uma determinada perspectiva, há um determinado espaço teórico consagrado à universidade, um lugar de fazer ciência, um lugar de construção do conhecimento, um lugar cuja linguagem torna-se complexa a ponto de não se comunicar com a população do cenário da vida comum, do cotidiano. Não queremos com isso excluir outros cenários de produção do conhecimento, como o contexto escolar, que também é um local de produção de conhecimento educacional em diversas áreas do conhecimento (RODRIGUES, 2019, p. 89-104; FRISON; DEL PINO; CERETTA, 2010, p. 145-168), apenas destacamos o cenário universitário em termos de comparação com o contexto geral da sociedade, o chamado grande público. De qualquer forma, o aspecto mais interessante nessa observação é que os objetos de estudos no cenário universitário são objetos comuns que estão presentes, de alguma forma, no cotidiano dos indivíduos: as propriedades da matemática

surgem de questões que permeiam o cotidiano, assim como a Física, a Química, Biologia, Geografia e, claro, a própria História.

Esse distanciamento entre universidade e sociedade, apesar de ser um debate complexo, ocorre muitas vezes pela falta de comunicação, contato e de conhecimento recíproco. Nesse sentido, podemos pensar em dois campos sociais: o “público” onde há as mais diversas realidades sociais; e o “privado”, entendido, assim, como um campo restrito, limitado socialmente. Dadas essas dimensões, como seria possível construir uma sociedade informada dos aspectos que envolvem os estudos produzidos nas universidades? Como as universidades produzem suas pesquisas para a sociedade?

Uma possível resposta a esses questionamentos seria a criação de um mecanismo que tornasse o que faz parte do campo social “privado”, no sentido de restrito, limitado socialmente, em uma linguagem acessível ao que faz parte do campo social público. Saindo de uma perspectiva geral das ciências e entrando, a partir de agora, nos aspectos que envolvem a História, podemos abordar aqui algumas ideias que podem proporcionar uma maior aproximação entre a História acadêmica, aquela limitada socialmente, ou seja, voltada para um público específico, e o público em geral, entendido assim como a população não envolvida diretamente com o ambiente universitário. Essas ideias são oriundas da História Pública (DE ALMEIDA, ROVAI, 2013, p. 2).

Em 1967, um historiador britânico, Raphael Samuel (1934-1996), organizou, em Oxford, algumas oficinas de reflexões historiográficas. Seu objetivo era apresentar sua crença de que a História deveria ir além dos espaços acadêmicos democratizando as reflexões sobre os usos políticos do passado pelo presente. Essa concepção de Samuel estava baseada na “história vista de baixo”, uma ideia produzida inicialmente por E. P. Thompson que buscava tratar das realidades históricas antes negligenciadas pela historiografia tradicional como as histórias de trabalhadores, famílias, mulheres dentre outros (SHARPE, 1992, p. 61). Como resultado, as oficinas organizadas por Samuel influenciaram na organização da revista *History Workshop Journal* de 1976 (DE ALMEIDA, ROVAI, 2013, p. 2).

Posteriormente, tais reflexões foram surgindo em outros territórios. Por exemplo, nos Estados Unidos, em 1979, foi criado o *National Council on Public History* (Conselho Nacional de História Pública), com o objetivo de alargar as discussões sobre História Pública. Na Austrália, a fundação do *Australian Center for Public History* (Centro australiano de História Pública) em 1998 ampliou ainda mais os debates relacionados a sua importância. As questões que estavam emergindo nesse contexto consistiam em como pensar o conhecimento acadêmico no espaço público, como lidar com a diversidade, com as mídias e como refletir sobre o sujeito

fora do ambiente acadêmico. Essas questões foram desenvolvidas a partir das demandas sociais e tecnológicas no final do século XX (DE ALMEIDA, ROVAI, 2013, p. 2).

A História Pública oferece à comunidade historiadora a capacidade de revisar e revitalizar os princípios e as práticas do pesquisador (SANTHIAGO, 2018, p. 288). Os usos do passado não é atribuição específica da História. A sociedade faz apropriações do passado para estabelecer uma relação identitária, um vínculo cultural que perpassa gerações, e um forte exemplo de relação com o passado é a memória coletiva, que trata de narrativas históricas que, de forma oral, atravessam gerações.

Michel de Certeau (1982) aborda o caráter de ruptura que a história escrita estabelece em relação a estrutura cultural desenvolvida em volta das narrativas históricas. A historiografia separa o presente do passado, estabelece cronologias como Idade Média, Idade Moderna e Contemporânea, porém, antes, esses tempos históricos não eram assim designados (CERTEAU, 1982, p. 10). É importante ressaltar que Certeau não está se referindo à historiografia em detrimento da história não acadêmica. Pelo contrário, Certeau considera que a historiografia oferece uma decodificação em termos de conversibilidade do que é visto ou conhecido pela comunidade para o que é escrito, dando, assim, uma veracidade e, ao mesmo tempo, legitimidade para a História (CERTEAU, 1982, p. 10).

Ainda sobre a História acadêmica, Peter Burke (2001) apresenta como um dos paradigmas tradicionais a objetividade atribuída à escrita da História. Além disso, com a historiografia nasce também a responsabilidade do historiador em estabelecer um compromisso com os fatos, pois a ideia era apresentar uma História sem tendências viciosas ou narrativas filosóficas, apresentar os fatos como realmente aconteceram (BURKE, 2001, p. 15). Diferentemente, a História não acadêmica não estabelece uma preocupação com a veracidade factual dos eventos, a narrativa do passado, utilizada pela comunidade não acadêmica, comumente é adaptada para se encaixar no cenário da comunicação popular (CERTEAU, 1982, p. 50). Nesse sentido, a historiografia em termos acadêmicos apresenta uma complexidade técnica na produção dos seus materiais, buscando, assim, estabelecer uma verossimilhança entre as narrativas históricas e o fato histórico propriamente dito. Essa técnica consiste em análises metodológicas dos documentos históricos.

Como já mencionado, a História é considerada como uma disciplina desde meados do século XIX. Com relação a sua temporalidade, é sistemática e tem seus conteúdos temáticos fragmentados em períodos como Antiguidade, Medievo, Modernidade e Contemporaneidade. Nos atentamos aqui a falar da História Pública e da História Medieval, a partir das apropriações

do passado pela sociedade cultural do presente. Sobre a História Pública já discutimos suas propriedades, falaremos agora sobre a História Medieval.

O período medieval faz parte da indústria e da cultura material da sociedade contemporânea através de vários produtos culturais como filmes, desenhos animados, pinturas de arte, músicas, novelas, entre outros. Esses espaços públicos muitas vezes fazem uso do passado medieval com estereótipos forjados em contextos distintos que fazem parte do que Jacques Le Goff chamou de “ideia falsa de progresso e da história em geral” (LE GOFF, 2006, p. 15).

Dessa forma, frases ditas ainda hoje em nosso cotidiano como “Não estamos mais na idade média”, ou “Voltamos à idade das trevas” fazem parte de um paradigma narrativo que remonta a um passado historiográfico marcado pelas concepções do século XIV, momento no qual foi elaborada a ideia de “idade das trevas”. Segundo Le Goff, são tradições históricas que colocam o Medievo como período de transição temporal, uma ideia de evolução dos períodos, como, por exemplo, o humanismo do Renascimento trazendo o envolvimento da Idade Média com as Trevas (LE GOFF, 2006, p. 15).

Além disso, as produções historiográficas sobre o Medievo, como Le Goff afirma, tornaram-se um espaço de erudição do século XIX (LE GOFF, 2012). Esse contexto de produção de textos históricos é um período de certa legitimação da História como mecanismo de afirmação identitária da nação europeia. As marcas de hostilidade vinculada à construção de uma ideia de “invasões bárbaras” a partir do século IV, ou a representação do Iluminismo como evento cultural que marca o início de uma nova Era, colocando fim ao período obscuro de dominação religiosa, são narrativas historiográficas produzidas pelo tradicionalismo europeu do século XIX (LE GOFF, 2006, p. 15).

Como já mencionado, a historiografia passa por um processo de revolução a partir do século XX. A *Revista dos Annales*, criada em 1929 por Lucien Febvre (1878- 1956) e Marc Bloch (1886-1944), marca o início de um movimento intelectual revolucionário na produção dos estudos históricos. A história produzida pelos *Annales* objetivava construir uma inovação da produção de estudos históricos que se fundamentasse nas investigações dos destinos coletivos, na história do imaginário, das mentalidades, dentre outras perspectivas. (BURKE, 2000, p. 77-85).

No que se refere à produção de estudos históricos na área de História Medieval, também houve mudanças. De acordo com Silva (2013), os estudos sobre as sociedades do Medievo constituem uma paisagem em modificação já há algumas décadas (SILVA, 2013, p. 93), inclusive podemos recuperar a afirmação de Jaume Aurell em relação ao cenário da escrita da

História sobre o Medievo ser considerado como um carro chefe da historiografia (AURELL, 2005). Trata-se, portanto, de um cenário de observação a partir de novas perspectivas sobre o poder, a família, a sociedade, a cultura material, as mentalidades, dentre várias características que mudam o foco da análise histórica para espaços antes negligenciados ou deixados em segundo plano.

Nesse sentido, é necessário refletir sobre as utilizações do passado medieval pela sociedade atual, a partir das representações sobre o Medievo existentes nas abordagens cinematográficas e dos memes que circulam entre o grande pública. Assim, ao fazermos esse diálogo em vínculo com a História Pública na utilização desses materiais digitais, abordaremos, mais especificamente, uma perspectiva voltada para a área do ensino de história e que boa parte do público escolar mantém contato constante. Para isso, é necessário refletir sobre algumas considerações em relação às dimensões educacionais que envolvem o processo de ensino de história, ou seja, o currículo.

### **O currículo, o ensino de História e o prelúdio da consciência histórica**

Antes de estabelecer uma abordagem sobre o ensino de História, há a necessidade de se reconhecer que o estudante, em termos educacionais, muitas vezes, pode não buscar a História por interesse, por motivação própria, sendo, então, direcionado a recorrê-la como instrumento pelo qual se pode adentrar às regras institucionais estabelecidas pelo currículo escolar. Longe de uma mentalidade de investigação historiográfica, o estudante se percebe como agente participante de um processo em andamento: o processo educacional, onde o conhecimento é uma ferramenta sem o qual não haverá êxito na escola e na sociedade (SILVA, 2010, p. 22).

Nesse sentido, neste tópico, analisamos o currículo a partir de um cenário histórico de construção social em vínculo teórico com a História como disciplina escolar. É importante considerar que entender o currículo a partir de um cenário histórico de construção significa compreender que o mesmo está sujeito a determinadas flutuações contextuais, conceituais e até mesmo estruturais. Sendo assim, o currículo apresenta uma flexibilidade, uma mobilidade que o permite incorporar os objetivos sociais do grupo que o elabora.

Na perspectiva de Goodson (1997), o currículo escolar é um “artefato social concebido para realizar determinados objetivos humanos, é a manifestação extrema das construções sociais” (GOODSON, 1997, p. 17). Podemos concordar que a institucionalização da educação fez com que a mesma se tornasse uma ferramenta em função da sociedade e o currículo um produto social feito para se encaixar nessa ferramenta. Sendo assim, o currículo passa a ser o elemento balizador da formação escolar.



O currículo sendo o balizador da formação escolar e, sendo um elemento importante para a definição temática dos componentes a serem ministrados em sala de aula, passa também a se tornar um objeto de estudos para a comunidade acadêmica. Por exemplo, Silva (2010) considera que as condições sociais que direcionaram os momentos iniciais de estudos sobre currículo estão vinculadas à institucionalização da educação de grandes grupos sociais. A partir do momento em que se precisou ampliar a acessibilidade educacional para um público diverso, precisou-se, conjuntamente, designar o currículo como um campo especializado de estudos (SILVA, 2010, p. 22).

A emergência do currículo como objeto de estudos se define a partir do espaço em que os debates sobre currículo vêm ocupando e se ampliando. Os estudos sobre o currículo como campo especializado emergem a partir de algumas demandas como, por exemplo, o surgimento de um corpo de especialistas em currículo, a formação de disciplinas acadêmicas e departamentos universitários sobre currículo, o surgimento de revistas acadêmicas sobre currículos, setores de avaliação de currículos, dentre outras institucionalizações. Essas demandas tornam o currículo objeto de apreciação e tem sido um fator contributivo para que se possa estabelecer, no âmbito da pesquisa, estudos sobre o currículo.

A construção do currículo não é ingênua nem neutra, porque o mesmo tem o potencial de criar legitimidade e dar espaço às aspirações políticas, sociais e ideológicas dos grupos diretamente vinculados à influência da sua composição. Sendo assim, o currículo deve ser entendido como um recorte de dinâmicas de interesses que circundam o cenário político-social.

A História como disciplina escolar faz parte do que discutimos acima sobre currículo. Na verdade, é o currículo que define os conteúdos temáticos e os objetivos que deverão ser implementados com o ensino de História. Sendo assim, a História se torna um componente curricular. Como disciplina escolar, iniciou-se no século XIX em um cenário francês e exercia uma demanda de conteúdos direcionados ideologicamente às questões nacionais, mais especificamente, para suscitar nos estudantes um sentimento de devoção à pátria, com questões que envolviam dimensões de aprendizagem voltada para a investigação da origem da civilização contemporânea. Como um componente curricular, a História aquiescia as demandas culturais e políticas de uma época que utilizava a História como fundamento para criar a narrativa de enaltecimento da nação.

À disciplina de História, nesse contexto, era atribuída o encargo de apresentar para o estudante o progresso e desenvolvimento da humanidade através de sua literatura histórica e de suas fontes, buscando, assim, definir uma visão progressista da História. Também era atribuída a criação da representação de grandeza para os monumentos de personagens como

conquistadores e criadores das instituições poderosas. Como Nadai (1993) aborda, objetivava-se criar uma narrativa que permitisse a reconstituição exata do passado (NADAI, 1993, p. 145). Essa perspectiva do século XIX em relação à História como disciplina escolar trazia para o presente uma reflexão importante sobre que tipo de conhecimento a historiografia deve suscitar para ser problematizado com os estudantes. Esta problematização poderia dar origem a um cenário de prelúdio da consciência histórica.

Audigier (2016) conceitua a consciência histórica como uma capacidade que o ser humano pode adquirir de se colocar, individual ou coletivamente, em relação ao passado, presente e futuro (AUDIGIER, 2016, p. 27). Essa consciência histórica também está relacionada à formação da criticidade do ser humano, estimulando os mecanismos cognitivos para o desenvolvimento de um posicionamento social diante do seu espaço de convivência. Essa relação com o passado também é problematizada por Cerri (2011) ao trabalhar com a conceituação da consciência histórica. Para Cerri, a consciência histórica deve trabalhar no indivíduo a noção de que o passado e o presente são temporalidades conectadas, assim como também o futuro. Não há uma ideia de ruptura, ao contrário, existe uma continuidade de processos, cultura e linguagens. Sendo assim, a consciência histórica também é a noção de que uma criação e mesmo a reprodução são possíveis recriações do que já existiu, extinguindo-se a ideia de um totalmente novo (CERRI, 2011, p. 21). De acordo com Schmidt e Garcia (2005), a consciência histórica funciona como orientação para as situações da vida real dos estudantes, e ela tem uma função específica ajudando na compreensão da realidade passada para compreender a realidade presente (SCHMIDT; GARCIA, 2005, p. 300).

Quando se trata de aprender e de ensinar em relação ao ensino de História, a mesma é entendida como meio pelo qual se faz o processo de inserção do ser humano na vida social, e entra em questionamento a capacidade do professor de História de dar conta das coerências historiográficas no processo de formação de indivíduos, e também a capacidade do professor de História em trabalhar as consciências estruturais que envolvem o currículo escolar em relação ao ensino de História. Somando a essas premissas, têm-se ainda o desafio de produzir para os estudantes uma aprendizagem significativa.

Para produzir uma aprendizagem significativa, precisa-se construir uma dimensão real entre o conteúdo temático definido pelo currículo e a realidade efetiva do estudante. Na verdade, recuperando as propostas de Paulo Freire, o mundo deve ser o ponto de partida para uma aprendizagem significativa para o sujeito, pois, segundo Freire, a educação dos seres humanos deve ser mediatizada pelo mundo (FREIRE, 1997, p. 44).

Sendo assim, para um ensino de História mais próximo à realidade do alunado, é necessário refletir sobre as abordagens da História Pública no ensino de História. As demandas educacionais recentes pressupõem um envolvimento direto dos conteúdos temáticos com a vivência quotidiana dos estudantes. Nesse sentido, buscamos encontrar a História Pública através dos filmes, séries e redes sociais que são cenários onde os estudantes estão envolvidos corriqueiramente, também para apresentar ao professor de História reflexões sobre formas e abordagens recentes em relação ao ensino de História.

### **Aspectos da História Pública no ensino de História Medieval: cinema e memes**

O Medievo é uma temporalidade histórica que de uma forma ou de outra está presente na sociedade nos dias atuais, seja pelas representações visuais, seja pelas representações cinematográficas, entre outros. Por exemplo, contos infantis se apropriam dos aspectos e cenários medievais para apresentar para as crianças um mundo com castelos, príncipes e heróis. Os filmes sobre personagens de guerra, cavalaria, monarquia e até mesmo romances também se apropriam do passado medieval para criar um cenário minimamente interessante para os espectadores.

A cultura da comunicação dos dias atuais, que costuma recortar, imaginar e criar o Medievo ao seu modo, também convive com fragmentos que foram trabalhados, transformados e ressignificados que representam o Medievo nos dias atuais (PEREIRA, PIMENTA, 2021, p. 416). Esse processo de ressignificação cultural do passado nos mostra uma descontinuidade em termos de temporalidades fazendo com que a História esteja sempre presente, opondo-se a ideia de linearidade e evolução do tempo.

Para o estudante da educação básica, a História faz parte de um currículo que se constitui de muitos outros componentes e se define por ser o estudo do passado e da representação de uma sucessão de eventos cronológicos de realizações das grandes figuras históricas (BITTENCOURT, 2018, p. 127). Acontece que essa história escolar é um modelo de abordagem conteudista que vem sendo transformado, abrindo possibilidades de abordagens recentes em diálogo com as demandas culturais, sociais, políticas e educacionais.

A mudança no panorama das discussões sobre o processo de informação, em termos de conhecimento, acontece juntamente com o fenômeno da globalização que aproxima e maximiza realidades e espaços sociais distintos. Somado a esse processo, também ocorre a revolução tecnológica que o mundo contemporâneo tem produzido, atribuindo assim diversas demandas para o contexto escolar nos seus mais variados aspectos. No meio desse cenário de mudanças, encontra-se o professor de História, e se espera dele uma atuação promotora da união entre a

competência acadêmica, como já discutido, e a competência pedagógica (SCHIMDT, 2004, p. 56).

Para discutirmos sobre as abordagens recentes no que tange ao ensino de História Medieval, trataremos de problematizar brevemente os horizontes possíveis para se estabelecer uma coerência em termos de atualizações historiográficas na área de História Medieval e também uma coerência com as práticas pedagógicas voltadas para o cenário escolar. A primeira possibilidade é o ensino de História Medieval através do cinema e das séries televisivas. De acordo com Guimarães (2009), o cinema é um mecanismo de distração, fascinação, comoção inquietação que provoca diversas sensações (GUIMARÃES, 2009, p. 152). O cinema também se tornou o entretenimento da sociedade, ele traz cenários diversos com possibilidades de abordagens significativas no que tange sua produção temática.

Pereira e Pimenta (2021) trabalharam, em seu texto, com o Medieval no cinema, abordando as perspectivas de que o cinema viu no passado histórico medieval uma fonte de histórias e personagens interessantes (PEREIRA; PIMENTA, 2021, p. 417). Esse interesse do cinema em abordar um contexto medieval como pano de fundo já é uma possibilidade de material didático pronto para uma abordagem em sala de aula com os estudantes, claro, considerando as especificidades da produção cinematográfica.

Em 2020, o escritor Andreas Heckeman, o diretor de cinema Jan Martin Scharf e o roteirista Arne Nolting, dirigiram a série de TV intitulada “*Barbaren*” (Bárbaros), que aborda o contexto histórico da Germânia do começo do século I d. C., retratando os conflitos entre os povos germânicos e o Império Romano. O título da série já denota o caráter instrumental do termo – que era errôneo na perspectiva historiográfica quando considerava todas estas populações sobre o mesmo termo (LE GOFF, 2005, p. 16-18) – para atrair o público geral com a intenção de vincular as atenções para o caráter artístico da obra. A série lançada nas plataformas de *streaming* alcança os mais diversos públicos do mundo. Em termos históricos, trata-se de um cenário anterior ao período denominado por Le Goff como o “contexto das migrações germânicas” para próximo das fronteiras imperiais romanas (LE GOFF, 2005, p. 16). A presença dessa série de TV no cenário midiático e ao alcance do grande público, incluindo os estudantes escolares, já demonstra a importância da sua utilização como recurso didático em sala de aula. Neste sentido, o professor de História pode estabelecer problematizações diversas com os estudantes, inclusive do próprio termo “bárbaro”, fazendo com que o conteúdo da sala de aula dialogue com os conteúdos fora do local da escola, ou seja, nos locais onde este conteúdo cinematográfico circula, uma vez que “os/as jovens que frequentam as aulas de História na Educação Básica constroem conhecimentos históricos que extrapolam as

finalidades educativas e se relacionam com sua formação política, cívica e cidadã.” (PACIEVITCH, 2020, p. 115).

As abordagens no ensino de História de filmes ou programas de televisão como séries e documentários faz parte do processo de incorporação de novas linguagens para a metodologia de ensino de História. De acordo Guimarães (2009), as últimas décadas do século XX e o início do século XXI deram início a uma das principais discussões no que tange à História escolar, a utilização de novas técnicas de abordagens temáticas como diferentes linguagens e fontes no estudo dessa disciplina (GUIMARÃES, 2009, p. 152). É importante ressaltar que, em termos teóricos, a utilização do cinema no ensino de História faz parte de um cenário histórico emergente na cultura da comunicação. Meirelles (2004) traz a abordagem didática do uso do cinema no ensino de História como um processo instrumental educacional característico do contexto histórico mencionado por Guimarães e resalta que não é possível conhecer a história da sociedade humana a partir do século XX sem conhecer o cinema por ela produzido (MEIRELLES, 2004, p. 77).

Estudar o cinema a partir de uma perspectiva instrumental para problematizar conhecimentos históricos e, especificamente, os filmes com roupagem medieval, é também estabelecer uma relação de análise de como a sociedade do presente cria, recria e reinventa o Medieval. Neste sentido, Pereira e Pimenta (2021) ressaltam que esse método de estudo é um exercício de reflexão sobre como o Medieval é pensado, apropriado e inventado pela sociedade (PEREIRA; PIMENTA, 2021, p. 419), porém, em sua análise, não se detém nesse aspecto, pois afirmam que a apropriação do passado e sua reprodução através da imagem oferece um deleite mais realista do cenário histórico, trazendo ao expectador a sensação de estar inserido naquela temporalidade, logo, forjando um sentimento de conhecimento real do contexto histórico abordado.

Em relação ao cinema, esse sentimento de conhecimento real em relação ao passado nada mais é do que um reflexo da própria mentalidade do tempo presente em relação ao passado. O conjunto de imagens, cenários e abordagem de um filme como um todo, geralmente diz mais sobre o tempo de sua produção do que o tempo histórico retratado por ele (PEREIRA; PIMENTA, 2021, p. 419). É o caso do filme *O Sétimo Selo* dirigido por Ingmar Bergman em 1957. O cenário histórico retratado no filme é o Medieval da Peste Negra no século XIV, apresentando uma atmosfera escatológica, o filme estabelece uma relação de sensibilidade com o fim dos tempos e da vida. O contexto de criação do filme guarda relação com a abordagem temática retratada no conjunto de cenas e o espectro teatral do filme. (PEREIRA; PIMENTA, 2021, p. 419).

No que tange ao ensino de História, o uso de filmes e séries como recursos didáticos, necessariamente, deve passar pelo senso crítico em relação a essas problemáticas carregadas de significados históricos em relação à representação do passado pelos produtores de cinema. Segundo Meirelles (2004), o professor de História deve considerar os aspectos educacionais sobre o filme que deseja apresentar, bem como o significado desse filme enquanto testemunho histórico e o que ele acrescentará ao conteúdo de uma aula de História (MEIRELLES, 2004, p. 77).

Além do cinema, outra abordagem possível em relação ao ensino de história que a atualidade tem possibilitado é a utilização de memes históricos como ferramenta para o uso de novas linguagens na produção do conhecimento e aprendizagem no ensino de História (ANDRADE, 2018, p. 22). O meme pode ser definido como uma linguagem virtual produzida para representar determinada palavra, frase ou mesmo contextos maiores que ficam singularizados na simples apresentação do objeto midiático. Andrade (2018), em sua dissertação de mestrado, conceituou os memes como “elementos midiáticos que circulam no ambiente virtual compostos por imagens, conteúdos, podendo ser dotado ou não de humor” (ANDRADE, 2018, p. 22).

Os memes estão inseridos no universo midiático das redes sociais e possuem circulação imediata atingindo diversos públicos. O uso em sala de aula no cenário escolar já é uma realidade emergente nas demandas educacionais, pois já existem diversos exemplos de utilização no chão da escola no ensino de História (CAVALCANTI; LEPRE, 2018, p. 1-8; FERREIRA; PORTO; OLIVEIRA, 2021, p. 22-34). Por exemplo, Santos (2023) ressalta que a estrutura fundamentada no ensino tradicional que guarda relação com professores detentores do saber e suas vinculações com os materiais didáticos perdem espaço com a popularização das mídias digitais (SANTOS, 2023, p. 27). Por estarem inseridos em um contexto virtual, os memes estão presentes em vários cenários da vida comum dos estudantes, por exemplo, sendo utilizados para entretenimento coletivo, o que o caracteriza como uma ferramenta importante para o processo de aprendizagem no que tange ao ensino de História.

Nesse sentido, existem os memes históricos, ou seja, memes que foram criados e desenvolvidos com algum teor relacionado a uma temporalidade ou temática histórica ou discussão historiográfica. Sobre o Medieval, existem várias imagens produzidas no contexto medieval que são utilizadas atualmente com legendas que representam aspectos culturais contemporâneos, mas que apresentam um pano de fundo medieval (FERREIRA; PORTO; OLIVEIRA, 2021, p. 22-34). Elementos midiáticos como esses se tornam objetos de aprendizagem significativa para os estudantes, mesmo fora do ambiente escolar, pois a

utilização da imagem com frases relacionadas ao presente dos estudantes faz com que o expectador adquira um conhecimento sobre o período. Entretanto, é importante saber problematizar o conteúdo em questão, pois, a depender da abordagem, a informação adquirida pode ser equivocada levando uma interpretação errônea em relação ao contexto histórico apresentado.

A utilização de imagens digitais sobre o Medievo, mesmo que editadas com características históricas da cultura social contemporânea, consiste em uma dupla representação social: primeiro a representação do Medievo a partir do uso imagético, segundo a representação do tempo presente através do sentido semântico disposto na imagem. Por exemplo, Chartier (1990) ao discutir sobre o sentido de representação, aborda que pensar e empreender um estudo sobre determinada sociedade é uma tarefa extensa e que se mostra através de vários cenários possíveis. No entanto, é importante analisar como essa sociedade representa seus aspectos. Segundo Chartier, existe uma diferenciação entre representação e representado, ou seja, signo e significado. Essa distinção visa fazer com que a identidade do ser seja substituída pelo símbolo (CHARTIER, 1990, p. 21). O meme histórico e, nesse caso, o meme histórico em relação ao Medievo, acaba se tornando um símbolo da temporalidade histórica correspondente, fazendo com que o público direcione o olhar para o contexto histórico em questão com a roupagem do presente a partir das características influenciadas pelo meme.

Nesse sentido, o meme histórico faz parte de um cenário recente e que pode ser abordado pelo professor de História em suas aulas. No entanto, deve-se sempre problematizá-lo, contextualizá-lo e, quando necessário, desconstruir preconceitos e equívocos em relação ao conteúdo temático de História Medieval.

Portanto, tanto o uso do cinema quanto o uso dos memes históricos digitais consistem em abordagens contemporâneas para serem utilizadas como instrumentos didático pedagógicos atrativos no que tange ao ensino de História Medieval, direcionadas para um público específico, neste caso, o público escolar. Entretanto, essa abordagem depende de muitos fatores de competência e coerência tanto com a historiografia quanto com a educação, pois não é uma simples tarefa inserir e utilizar esses elementos na sala de aula: tal atitude requer um empenho que consiste em analisá-los a fim de estabelecer uma adaptação didática aos conteúdos que devem ser ministrados.

### **Considerações finais**

A utilização de cenários da História Pública no ensino de História no contexto escolar é essencial para promover a democratização do conhecimento histórico. Enquanto a linguagem

acadêmica pode ser densa e repleta de terminologias específicas, utilizar caminhos da História Pública para o ensino de História pode tornar a História mais acessível ao público escolar evitando caminhos didáticos tradicionais que muitas vezes não fomentam o interesse do público escolar no caminho da aprendizagem.

A História Pública, quando apresentada de forma acessível, com linguagens aproximadas ao contexto escolar, deixa de ser um domínio exclusivo de especialistas e acadêmicos, e se transforma em um recurso didático adaptado a um cenário escolar, principalmente quando esta História Pública apresenta uma linguagem próxima ao público destinatário, como é o caso dos filmes e séries e os memes. A linguagem mais clara e compreensível torna a História menos intimidante e mais atrativa, permitindo que o público escolar possa interagir, compreender e se identificar com eventos e narrativas históricas.

Como discutido neste artigo, a utilização do cinema no ensino de História consiste em uma adaptação de linguagem da História acadêmica para uma linguagem mais acessível ao público escolar. Através do cinema, a História deixa de ser apenas um conjunto de fatos distantes e se torna uma experiência sensorial, capaz de cativar e emocionar espectadores de todas as idades e origens. Ao adaptar o conhecimento histórico para a linguagem cinematográfica, é possível trabalhar contextos, personagens e eventos de maneira acessível, ao mesmo tempo em que se mantém o rigor didático de ensino e aprendizagem.

Ao adaptar o ensino de História Medieval para possibilidades com o cinema, não se trata apenas de simplificar ou romantizar eventos históricos, mas sim de criar pontes entre o rigor acadêmico e o contexto escolar. Isso não só amplia o interesse pelo estudo da História, mas também promove uma possibilidade de experiências de compreensão mais profundas e empáticas das experiências humanas ao longo do tempo.

O uso do cinema como ferramenta para o ensino de História Medieval é uma abordagem poderosa que transcende as fronteiras da sala de aula, oferecendo uma experiência imersiva e visualmente cativante para os estudantes. Ao assistir a filmes que retratam a História Medieval, os estudantes têm a oportunidade de mergulhar na atmosfera da época, visualizar os aspectos culturais, políticos e sociais, e assimilar de maneira mais vívida o contexto em que ocorreram os eventos históricos a partir da experiência visual. Com a devida mediação do professor enquanto historiador, essa aprendizagem torna-se ainda mais significativa.

Outra possibilidade de abordagem que apresentamos neste artigo foi o uso dos memes digitais na produção do conhecimento histórico relacionado ao Medieval. O uso de memes nas redes sociais como uma ferramenta para o ensino de História Medieval representa uma inovadora e impactante abordagem educacional. A criação e compartilhamento de memes sobre



esse período histórico não apenas captura a atenção dos estudantes, mas também oferece uma maneira criativa e acessível de explorar temas complexos e eventos significativos da época.

Ao utilizar referências culturais contemporâneas para ilustrar aspectos da História Medieval, os memes, através de imagens e textos breves, conseguem despertar o interesse dos estudantes. Ao relacionar eventos, personagens e situações históricas com situações atuais, os estudantes são incentivados a refletir sobre a relevância e o impacto contínuo da História Medieval em nossa sociedade contemporânea.

É importante ressaltar que o uso tanto do cinema quanto dos memes históricos deve seguir sempre o rigor da problematização didática e metodológica, pois estes objetos não possuem um vínculo com a responsabilidade historiográfica. Portanto, cabe ao professor de História estar sempre disposto a fazer as devidas considerações, alinhando as suas competências e coerências historiográficas às suas competências e coerências pedagógicas.

## **REFERÊNCIAS**

ANDRADE, Alessandra Michelle Alvares. **Memes históricos**: uma ferramenta didática nas aulas de História. Dissertação (Mestrado profissional em História) - Mestrado Profissional em história-Profhistória, Universidade Federal do Rio Grande do Norte Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Natal, 2018.

AUDIGIER, François. História escolar, formação da cidadania e pesquisas didáticas. **Ensino de história e cidadania**. Campinas, SP: Papyrus, 2016, p. 25-63.

AURELL, Jaume. **La escritura de la Historia**: de los positivismos a los posmodernismos. Valência: Publicacions Universitat de València, 2005.

BITTENCOURT, Circe Fernandes. Reflexões sobre o ensino de História. **Estudos avançados**, v. 32, p. 127-149, 2018.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989)**. São Paulo: Unesp, 1997.

BURKE, Peter. **Varietades de História Cultural**. Rio de Janeiro: Line art, 2000.

BURKE, Peter. **A escrita da história**. São Paulo: Unesp, 2001.

CAVALCANTI, Denise Peruzzo Rocha; LEPRE, Rita Melissa. Utilizando memes como recurso pedagógico nas aulas de História. In: **Congresso Internacional de Educação e Tecnologias**. Encontro de pesquisadores em educação à distância. Educação e tecnologias: inovação em cenários em transição. 2018, p. 1-8.

CERRI, Luis Fernando. **Ensino de História e consciência histórica**. Implicações didáticas de uma discussão contemporânea. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações sociais**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

SILVA, Marcelo Cândido da. A Idade Média e a nova história política. **SIGNUM-Revista da ABREM**, v. 14, n. 1, p. 92-102, 2013.

DE ALMEIDA, Juniele Rabêlo; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. História pública: entre as “políticas públicas” e os “públicos da história”. **Anais do XXVII Simpósio Nacional de História da ANPUH: conhecimento histórico e diálogo social**. Natal: ANPUH, p. 1-10, 2013.

FERREIRA, Aline Rodrigues; PORTO, Cristiane de Magalhães; OLIVEIRA, Kaio Eduardo de Jesus. Da “zoeira” à aula de História: uma análise sobre a página “Plebeus Ociosos”. **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, v. 17, n. 26, p. 22-34, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FRISON, Marli Dallagnol; DEL PINO, José Cláudio; CERETTA, Jaqueline Paim. O tempo e o espaço da escola: produção de conhecimento escolar e de saber profissional. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 145-168, jul./dez. 2010.

GOODSON, Ivor F. **A construção social do currículo**. Lisboa: Educa, 1997.

GUIMARÃES, Selva. Cinema e ensino de História. **Revista do arquivo público mineiro**. vol 45, p. 150-159, jan/jun. 2009.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do ocidente medieval**. São Paulo: Edusc, 2005.

LE GOFF, Jaques. **Para uma outra Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente**. Editora Vozes Limitada, 2012.

LE GOFF, Jacques; DE MONTREMY, Jean-Maurice. **Em busca da idade média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MEIRELLES, William Reis. O cinema na história: o uso do filme como recurso didático no ensino de história. **História & Ensino**, v. 10, p. 77-88, 2004.

NADAI, Elza. O ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva. **Revista Brasileira de História**, v. 13, n. 25/26, p. 143-162, 1992.

PACIEVITCH, Caroline. Ensino de História: narrativas que percorrem a escola e o público. In: HERMETO, Miriam; FERREIRA, Rodrigo de Almeida (Orgs.). **História pública e ensino de história**. São Paulo: Letra e Voz, 2020, p. 115-134.

PEREIRA, Nilton Mullet; PIMENTA, Patrícia Pereira. Sobre os usos do passado medieval: cinema e ensino de História. In: VIANNA, Luciano J. (Org.). **A História Medieval entre a formação de professores e o ensino na educação básica**. Experiências nacionais e internacionais. Rio de Janeiro: Autografia, 2021, p. 416-430.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2013.

RODRIGUES, Nara Caetano. A alteridade na produção de conhecimento na esfera escolar. **Sobretudo**, v. 10, n. 2, p. 89-104, 2019.

SANTOS, Italúzia Pereira de Castro. **As Mídias Digitais nas Aulas de História Medieval: Discussão sobre Práxis Pedagógica com os professores de História do Município de Casa Nova-Ba**. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Programa de Pós-graduação em Formação de Professores e Práticas interdisciplinares, Universidade de Pernambuco, Petrolina, 2023.

SANTHIAGO, Ricardo. História pública e autorreflexividade: da prescrição ao processo. **Revista Tempo e Argumento**, v. 10, n. 23, p. 286-309, 2018.

SILVA, Renildo Franco; CORREA, Emilce Sena. Novas tecnologias e educação: a evolução do processo de ensino e aprendizagem na sociedade contemporânea. **Educação & Linguagem**, ano 1, núm. 1, p. 23-35, 2014.

SILVA. Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula. BITTENCOURT, Circe. (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1998, p. 54-66.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tânia Maria F. Braga. A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de história. **Cadernos Cedes**, v. 25, n. 67, p. 297-308, set./dez. 2005.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992, p. 39-62.